

Adaptação da Lenda do Boto Cor-de-rosa para Literatura Surda: Compreendendo e Trilhando Novos Caminhos na Educação de Surdos

Adaptation of the pink river dolphin legend to deaf literature: understanding and treading new paths in deaf education

Nara Neiva A. C. de Sousa ^{1*}

* Professora da Rede Pública de Ensino do Amazonas, SEDUC, Goiânia - GO, 74690-900, e-mail: nara.ibao@gmail.com

Suelem Maquiné Rodrigues ^{2**}

** Universidade Federal de Goais, UFG, Goiânia - GO, 74690-900

Taísa Aparecida Carvalho Sales ^{3***}

*** Universidade Federal de Goais, UFG, Goiânia - GO, 74690-900, e-mail: carvalhotaisa@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo trata da importância da expressão da cultura surda por meio da literatura surda, discutindo a construção do cenário de produções literárias, especialmente as adaptações. Servindo como mais uma ferramenta para profissionais que trabalham com literatura e folclore na educação de surdos. Durante anos a comunidade surda vem lutando por seus direitos de vez e de voz em meio a sociedade ouvinte e dominante, na adaptação para a literatura surda, o

1 Professora de Geografia da Rede Pública de Ensino do Amazonas – SEDUC. Graduada em Geografia pela UNINORTE. Pós-Graduada em Libras – UNIASSELVI. Graduanda do 8º período do Curso de Licenciatura plena Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Nara.ibao@gmail.com

2 Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Mestranda em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Possui especialização em Libras (Língua Brasileira de Sinais) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2015) e graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2006). Acadêmica do oitavo período do curso de graduação em Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do grupo de pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (NAPNE / IFAM / CPRF).

3 Professora efetiva da Universidade Federal de Goiás - UFG, lotada na Faculdade de Letras no curso Letras: Libras e Tradução. Mestre em Letras, na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados na Universidade do Oeste do Paraná-Unioeste/ Campus de Cascavel em 2013. Especialista em Libras e Educação Especial pela Faculdade Eficaz em Maringá - PR em 2013; Especialista em Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela União Pan-Americana de Ensino/Unipan/Cascavel em 2007; Graduada em Letras Port./Inglês pela Universidade Paranaense - Unipar/Cascavel em 2005, Membro do Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais/PEE/Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus de Toledo; Membro do Grupo de Pesquisa Poéticas do Imaginário e Memória na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Campus de Cascavel e Membro do grupo de pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM e membro do grupo de pesquisa Relações de gênero, poder e violência em literaturas de língua portuguesa - UFAM. Estive de licença maternidade de junho de 2017 à dezembro de 2017.

surdo vê-se representado. Tendo em vista ao deparar-se com as mesmas dificuldades propostas no texto dos personagens surdos, com a identidade e as lutas que no decorrer da literatura vai sendo descrita. Por meio de contos e lendas podemos alcançar a atenção para esse debate, despertando interesse de surdos e ouvintes para a cultura surda. Ver-se a relevância de mais produções nessa área, por isso realizamos esse trabalho e propomos a criação de outros. No Amazonas temos a Lenda do boto cor-de-rosa, adaptação da literatura escolhida, pois é um ícone na cultura ribeirinha contada, enaltecida em diversas correntes literárias. Essa adaptação também pode ser útil para disseminação nas escolas da rede pública e privada da Língua Brasileira de Sinais, cultura e literatura surda divulgando sua importância na quebra das barreiras comunicacionais, bem como apresentar a determinada lenda aos alunos surdos despertando-lhes o interesse e valorização na cultura e identidade nortista. Para embasamento teórico desse trabalho foram utilizados como referência alguns autores indispensáveis ao referir-se a temática da surdez, da literatura surda e da cultura: Strobel, Skliar e Eagleton.

Palavras-Chave: Literatura Surda; Cultura; Identidade Surda.

Abstract: This article deals with the importance of the expression of the deaf culture through deaf literature, discussing the construction of the scenario of literary productions, especially those adaptations. Serving as yet another tool for professionals working with literature and folklore in deaf education. For years, the deaf community has been fighting for its time and voice rights amid listener and parent company, to adapt to the deaf literature, the deaf sees represented. In order to encounter the same difficulties in the proposed text of the deaf characters, with the identity and the struggles that in the course of literature will be described. Through tales and legends can achieve attention to this debate, arousing interest of deaf and hearing to the deaf culture. See the relevance of most productions in this area, so we carry out this work and we propose the creation of others. In the Amazon we have the legend of the color pink river dolphin, adapt the chosen literature, it is an icon told riverside culture, praised in various literary currents. This adaptation can also be useful for dissemination in schools of public and private of Brazilian Sign Language, culture and deaf literature touting its importance in the breakdown of communication barriers, and to present the particular legend to deaf students arousing their interest and appreciation culture and northern identity. For theoretical basis of this work were used as reference some indispensable authors to refer the issue of deafness, the deaf literature and culture: Strobel, Skliar and Eagleton.

Keywords: Deaf literature; Culture; Deaf identity.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo discutiremos sobre educação de surdos, literatura surda, o meio e tudo que envolve a criação e produção, centrando sobre adaptação no contexto literário da cultura surda, para isso utilizaremos da adaptação do conto do Boto cor-de-rosa, Tendo como proposta compor uma discussão e valorização na comunidade surda nortista.

Com o interesse de contribuir, cada vez mais, com a divulgação dos

artefatos culturais do povo surdo, como também apontar novos horizontes na educação de surdos, reconhecendo a importância das minorias linguísticas firmando meios de realização dessa cultura, esse artigo foi elaborado. Ao estimular novos olhares sobre a educação de surdos, contribuiremos para romper estereótipos de uma educação terapêutica rumo a uma educação voltada para o desenvolvimento real do aluno.

Oferecendo uma adaptação, para literatura surda, de uma lenda tão representativa de um povo, como a lenda do boto cor-de-rosa, oferece-se também a possibilidade do povo surdo sentir-se representado dentro do seu folclore regional, reforçando bens históricos e culturalmente constituídos, fortalecendo a identidade. Dessa forma pretende-se contribuir com a construção simbólica do surdo, inserindo-o em uma condição multicultural, utilizando os meios literários que servirão de subsídios para divulgação da cultura e da literatura surda.

1.1 SER SURDO: UMA QUESTÃO IDENTITÁRIA

O olhar em torno do surdo subdivide-se em duas concepções básicas: uma considerando-o com visão estritamente clínica, buscando sempre uma superação e alcance de “normalidade” ao sujeito surdo; e, a outra, com foco na parte antropológica, cultural e da diferença. Esta visualiza o surdo como ser que tem uma identidade particular diante da surdez e não como alguém que tem algo a ser superado e apresenta a mesma identidade cultural que o ouvinte.

Ao focalizar a representação da identidade surda em Estudos Culturais, tenho de me afastar do conceito de corpo danificado para chegar a uma representação da alteridade cultural que simplesmente vai indicar a identidade surda. Não consigo assumir a lógica de que as culturas pelas quais nascemos e passamos a viver parte de nossas vidas se constitui na fonte de identidade cultural. O caso dos surdos dentro da cultura ouvinte é um caso em que a identidade é reprimida, se rebela e se afirma em questão da original. A identidade original estabelece uma identidade de subordinação em vista da alteridade cultural, a mesma que se dá entre os outros grupos étnicos (PERLIN, 2012, p.53.).

No olhar em que perdura a visão antropológica, o surdo não é visto como alguém que precisa viver com a surdez com anseio de superação e sim como mais um alguém a ser respeitado em suas diferenças. São questões como essas que mantêm a heterogeneidade humana, tão importante na sociedade. A identificação do surdo na

sociedade, tendo como característica mais forte a questão da linguagem diferenciada, é um fator que não os minimiza quanto a nada.

Mas então, o que seria identidade? Para Hall (2003), na ciência social contemporânea o conceito de identidade é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e menos ainda compreendido para ser definitivamente posto à prova. Podemos conceber identidade como algo inacabado, em constantes mudanças, transformação, que levam o sujeito para diferentes caminhos (PERLIN, 2012).

Tudo que permeia as relações e interesse da identidade e tudo que há em volta, as influências, também fazem parte das características que constroem a identidade cultural. Em virtude da aproximação dos conceitos aqui citados, podemos discutir qual é o papel da literatura nesse contexto. A linguagem está também relacionada ao quesito Identidade. Assim, a linguagem e até mesmo a literatura surda está fundamentada no contexto social, nas relações entre indivíduos reais em momentos singulares e históricos, pois mostra marcas e significações. Com isto as produções embutidas no contexto histórico-social da literatura surda, pode conter o direito à vida, à cultura, à arte, à história, à participação política, ao trabalho, dentre outros, do mais simples ao mais complexo, discussões centralizadas e descentralizadas, porém nunca sem se afastar na identidade cultural surda, ainda que haja as outras classificações de acordo com as identidades multifacetadas que constituem no geral a mais ampla, que é a identidade surda.

Alguns escritos expressam um olhar ao sujeito surdo na sociedade atual, com ideias de ouvintes sobre a identidade surda. Segundo Perlin (2012) há um “jogo político educacional em cena tentando garantir maior proximidade com a identidade cultural surda” (PERLIN, 2012, p. 52). Olhar os surdos como um grupo homogêneo é negar a existência de seres diferentes. A realidade é que os surdos não são iguais, apresentam suas diferenças em diversos aspectos, o que apresentam em comum de certo é a surdez, que os definem como sujeitos inseridos na cultura surda.

2. DAS RELAÇÕES ENTRE CULTURA E LITERATURA

Cultura é um termo extremamente complexo que sofreu diversas oscilações de definição com o passar do tempo. Etimologicamente é um conceito que remete a um significado derivado da natureza, a “lavoura” ou “cultivo agrícola”. Francis Bacon escreve como “o cultivo e adubação de mentes”. Muito tempo se passou até a

modernidade, e a palavra fez ser percurso semântico acompanhando as mudanças históricas da própria humanidade. Eagleton nos leva a refletir sobre esse conceito ambivalente:

Se a palavra “cultura” guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado (EAGLETON, 1943, p.4).

Por volta da década de 1970, cultura passa a ilustrar o modo de vida. Assim, Eliot 1948, contribui: “antes de tudo, o que os antropólogos entendam: o modo de vida de um determinado povo vivendo junto em um certo lugar.” Aquilo que nos acompanha na nossa trajetória de vida, do momento em que nascemos até o momento que morremos, até mesmo enquanto dormimos. Está intimamente ligada ao inconsciente, pois sempre será uma espécie de “pano de fundo” dos nossos pensamentos e atitudes.

Da mesma maneira que a cultura desmembra-se em fazeres inconscientes, ela também pode ser representada por meios concretos. A arte revela ao homem diversas facetas da cultura, sendo a Literatura uma magnífica manifestação artística, assim como as danças, as pinturas, as músicas. E como manifestação artística, reflete a cultura de um povo e o tempo que foi concebido. Os estudos da cultura têm mostrado um avanço considerável durante as últimas décadas, que revelam a literatura como representação material da cultura.

A Literatura é um retrato da heterogeneidade cultural, retrato de uma sociedade e tempo em que foi concebida, ao mesmo tempo que serve como mecanismo indispensável para compreensão da cultura de um povo, por isso a literatura surda, que trataremos mais adiante, é primordial para afirmação da cultura surda. Nesse sentido, a literatura surda contribuirá e caminhará rumo à construção de sentidos e valores que nascem e desenvolvem-se entre classes, grupos sociais diferentes, baseado em suas relações e condições históricas construindo suas práticas e tradições para elaboração de uma identidade cultural do sujeito surdo. Como expõe Holcomb:

A cultura oferece aos membros da comunidade acesso a soluções criadas historicamente para um modo eficiente de vida. A cultura surda não é diferente. Para os surdos que vivem em um mundo ocupado basicamente por pessoas que ouvem, soluções são necessárias para viver de forma eficiente neste mundo. Por muitos anos, os surdos levaram a responsabilidade de compartilhar informações a sério. Atualmente, com melhor compreensão do que é cultura surda, esse compartilhamento de informações pode ser

caracterizado como um dos valores culturais mais importantes dos surdos (HOLCOMB, 2011, p.139).

Como ferramenta de comunicação, a literatura contribui enormemente para viabilizar compartilhamento de informações que é essencial para todos, principalmente aqueles que fazem parte de um povo que vive diariamente situações difíceis de comunicação, como o surdo. Historicamente, o surdo teve seu ambiente linguístico prejudicado, pois crescem e participam de ambientes onde, geralmente, sua língua materna não é utilizada. Nessa situação, surge uma enorme necessidade de buscar soluções para preencher as lacunas na sua formação educacional, e a literatura surda, certamente, será um dos melhores recursos para ajudar nesse enorme desafio que é a educação dos surdos.

2.1 A LITERATURA SURDA COMO INSTRUMENTO DE DIVULGAÇÃO E AFIRMAÇÃO DA CULTURA SURDA

Traçando entre autores e leitores a busca e a construção de significados por trás das imagens que a linguagem nos proporciona. Segundo Afrânio Coutinho, a “literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra” (COUTINHO, S/N, *apud* CEREJA, 1995, p. 32). Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a literatura surda sempre existiu, só não estava institucionalizada. Desde a antiguidade, já existiam surdos que transmitiam suas histórias e sua cultura utilizando língua de sinais, por meio de diversos gêneros como teatro, piadas, narrativas. Com a criação das escolas de surdos, começou a surgir a noção mais precisa do que era a literatura surda:

A noção de literatura surda começou a circular em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, principalmente onde havia escolas de surdos. Em 1864 foi fundada a Universidade de Gallaudet (Gallaudet University), em Washington D.C., onde com o passar do tempo, os sujeitos surdos, acadêmicos e pesquisadores construíram significados em torno da literatura surda, espalhando para seus próximos, na comunidade surda, como nos encontros de surdos, escolas de surdos, associação de surdos, etc (MOURÃO, 2011,p.72).

Segundo Strobel (2008), “A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se

modifica e se atualiza”. Ao falarmos em literatura surda temos que ter um entendimento que ela é uma representação discursiva da cultura surda. Todo texto possui significados implícitos, é possuidor de uma materialidade simbólica, traz em si um sentido e um fazer histórico. É através do “construir discursos” e linguagem que o ser humano constrói, transforma a história e a si mesmo.

Entendemos que o surdo é um ser bilíngue, a literatura surda pode e deve ser divulgada também em língua portuguesa para que os ouvintes tenham acesso a essa forma ímpar de construir literatura, esse contato linguístico e cultural proporciona uma experiência bilíngue, possibilitando troca de conhecimento e ideias sobre diversas temáticas. Quando divulgamos a literatura surda em língua portuguesa promovemos uma prática social bilíngue. O português ainda é a língua oficial escrita do surdo, inclusive nos espaços educacionais que a criança surda frequenta. A sua aquisição apropriada, dependerá de sua apresentação significativa enquanto língua relacionada às representações, necessidades e anseios do povo surdo.

Dessa necessidade de conhecer o outro, deve-se aproveitar e oferecer também o conhecimento sobre a cultura e a literatura surda. Ajudando às pessoas que tanto tempo estiveram à margem, firmar-se frente a um novo momento que a literatura contemporânea está proporcionando. Mianes propõe:

Considerando essas produções culturais, entendemos que as narrativas de si possibilitam reviver experiências cujos rastros ficaram na memória; também os narradores compartilham sua identidade através de uma continuidade temporal, constituindo-se no tempo de vida presente, tendo em vista a sua inserção no interior de uma trama discursiva (MIANES et al., 2011, p.57).

No caso da literatura surda, é importante sair do universo da comunidade surda e ganhar novos territórios, fazendo com que a sociedade tenha conhecimento, compreenda essa cultura e faça circular novos olhares acerca do tema. Para que se perceba e se entenda que o surdo é um ser capaz de se expressar, ele não é um ser condenado ao silêncio. Ele possui uma língua própria, uma percepção diferenciada por ser um indivíduo visual e é capaz de representar-se e ser representado. Deve-se combater, tirar o silêncio desse patamar privilegiado no universo do surdo, e encará-lo como ser possuidor de um “discurso” legítimo, como qualquer outra pessoa. Essa literatura deve transcender as fronteiras da comunidade surda, romper com estereótipos e contribuir com novas representações sobre todo universo da surdez. Não como o retrato de estereótipos construídos ao longo dos anos, mas uma ampliação de visão sobre o tema.

2.2 - A LITERATURA SURDA E A ADAPTAÇÃO LITERÁRIA

Mesmo com tantas dificuldades, o povo surdo vem galgando grandes vitórias nas últimas décadas. Sendo a oficialização da língua de sinais, uma das maiores conquistas desse povo, porém a escrita dessa língua em *sign writing* ainda não possui uma ampla divulgação, são pouquíssimas as obras nesse sistema de escrita, sendo poucos os usuários desse sistema. Enquanto o sistema de escrita em língua de sinais ainda não alcança as dimensões desejáveis, torna-se extremamente importante a divulgação da literatura surda em língua portuguesa também.

Ao adquirir o domínio da segunda língua (L2), língua portuguesa na modalidade escrita, que também faz parte da condição social do surdo, indispensável para escolarização, acesso a diversas literaturas e exercício da cidadania plena, o sujeito surdo aumentará, cada vez mais, a possibilidade de acesso a diversas culturas, inclusive a outras línguas na modalidade escrita. Fazer a adaptação de texto em literatura surda, inicialmente, em língua portuguesa, não exclui a possibilidade de transformá-lo futuramente para o sistema *sign writing*, muito pelo contrário, será o primeiro e decisivo passo para que ocorra esse processo com mais segurança futuramente. Vivenciar experiências em línguas diferentes favorece o desenvolvimento linguístico e amplia a visão sobre diferentes culturas. Como aponta Quadros:

Em outros termos, a ideia equivocada é de que uma língua leva ao não uso da outra e, neste caso, “subtrai”. Assim, não é incentivado o ensino de línguas de qualidade, não é trazido para dentro do espaço escolar a multiplicidade linguística brasileira (QUADROS, 2012, p.188).

Muitos escritores e poetas surdos também registram suas expressões literárias em língua portuguesa como testemunhos compartilhados de suas identidades culturais e, assim, a cultura surda passou a ganhar espaço literário com lançamentos de livros e artigos com temas nunca antes imaginados (STROBEL, 2008, p.57).

Diante das considerações realizadas sobre cultura e literatura surda, é importante compreender como se dá as principais realizações desta literatura. As principais maneiras de realização da literatura surda são: criação, tradução e adaptação. Esta última vamos tratar com mais atenção logo adiante.

As traduções são realizadas, geralmente, da língua portuguesa para a língua de sinais. Recorre-se a alguns clássicos da literatura existentes em línguas na modalidade escrita e faz-se a tradução para a língua de sinais para ser disponibilizado em mídias visuais. A Editora Arara-Azul é maior responsável por este trabalho no Brasil. Obras que já foram traduzidas para língua de sinais: *Alice no país das maravilhas* (2002), *Iracema* (2002), dentre outras obras disponíveis no site da referida editora. Sobre tradução, Stam (2006) faz uma importante colocação: “A metáfora da tradução, similarmente, sugere um esforço íntegro de transposição intersemiótica, com as inevitáveis perdas e ganhos típicos de qualquer tradução” (STAM, 2006, p. 51).

As obras que são consideradas criação são textos originais, geralmente de autores surdos, que surgem como forma de relatar suas vivências e condição de ser surdo. Não existem muitas publicações do gênero, pois, infelizmente, os surdos ainda não possuem muitas experiências com textos literários. Cada vez mais essa questão deve ser abordada e combatida, pois é indispensável para o aprendizado satisfatório de toda criança e formação como cidadão, o contato com diversas literaturas. O livro *Casal feliz*, do autor surdo Cleber Couto, é um exemplo dessa literatura de criação.

Adaptação é realizar uma espécie de transposição de uma obra literária para outro contexto literário. Ao realizar essa transposição, os “pontos de vista” são alterados e dá-se o início a uma nova construção de sentidos para um texto pré-existente. Dessa maneira retoma-se o antigo para construção de novo, diversificando olhares perante a obra, trazendo novas linguagens a favor da literatura.

Na adaptação para literatura surda, clássicos são retomados por autores que adaptam para a cultura surda trazendo valores e representações do povo surdo, promovendo um tipo de “releitura” desses textos. Como, por exemplo, nas obras *Rapunzel Surda* (2003) e *Patinho surdo* (2005). Essas adaptações lançam um novo olhar sobre diversas questões do povo surdo, propiciando uma nova postura a respeito de algumas características dessa minoria linguística. Oferecendo aos leitores uma nova maneira de pensar ou sentir a obra, reinventando vários elementos do texto. A experiência de reimaginar uma obra cria novas possibilidades de experimentar novos suportes para a narrativa e, até mesmo, exteriorizar elementos ocultos no texto, explorando novas potencialidades.

Cientes da importância das adaptações para a literatura surda, percebeu-se a grande contribuição de uma literatura adaptada que divulgasse a literatura regional, que representasse ricamente o folclore de um povo, de uma região tão importante como a

região amazônica. Estendendo o olhar para essa rica oportunidade de contribuir com a literatura surda regional, buscando compreender e valorizar as diferenças étnicas, linguísticas, sociais e culturais que ainda hoje marcam essa região.

Dessa maneira, foi pensado para realizar a adaptação para literatura surda um ícone do folclore da região amazônica: a lenda do boto cor-de-rosa. Essa lenda é dotada de fortes elementos culturais do povo amazônico. Possui uma historicidade ímpar e, certamente, contribuirá ricamente com a cultura surda, ampliando suas representatividades.

2.3 - LITERATURA SURDA: ADAPTAÇÃO DA LENDA DO BOTO COR-DE-ROSA⁴

O boto cor-de-rosa surdo

Muito além das águas do Rio Amazonas, vivia uma jovem índia junto a sua tribo. Passava o dia a trilhar os caminhos da floresta e a banhar-se nas águas do rio que trazia vida ao seu povo. Chamava-se Inaiê, que na língua de seus ancestrais significava “águia solitária”.

Desde que nascera, Inaiê percebia o mundo de forma diferente. Era atenta, abria seus olhos negros e desvendava o mundo ao seu redor. Gostava da cor do sol refletida na água, observava como essas cores mudavam de acordo com as horas do dia e a época do ano. Deliciava-se com a chuva, aproveitava os longos mergulhos e passava horas a observar os passarinhos e suas exuberantes cores. Nada passava despercebido aos olhos de Inaiê.

Desde criança, percebia que era diferente. Não entendia como seu povo se comunicava. Pensava “será que eles soltam uma fumaça quando abrem a boca, então os outros veem a fumaça e conseguem entender? Será que só eu não consigo fazer fumaça?”.

Somente a mãe de Inaiê conseguia comunicar-se um pouco com a filha, elas tentavam estabelecer comunicação por gestos que só as duas entendiam. E assim, passavam-se os dias de solidão da jovem índia surda, que não entendia sua condição.

4

Adaptação realizada por Suelem Maquiné Rodrigues na disciplina de Estudos Culturais e Cultura Surda sob a orientação da professora Taísa Aparecida Carvalho Sales.

Inaiê andava, andava, andava pela floresta... buscava entender o mundo que a rodeava e, a cada dia, seus dias ficavam mais tristes e solitários.

Certo dia, a índia estava à beira do grande Rio Amazonas, deitou-se à margem e colocou o seu ouvido no chão, na esperança da Mãe Terra dá-lhe alguma resposta, mas o silêncio perdurou. Inaiê chorou, e suas doces lágrimas misturaram-se às águas do Rio Amazonas. Eram as lágrimas mais doces que aquele rio já recebera. E foi com a doçura das lágrimas que atraiu um ser mágico que vivia nas águas do rio. E as águas do rio que estavam calmas de tanto contemplar a tristeza de Inaiê, começaram a tremular.

Dessas águas saiu um moço que foi ao encontro da jovem, tocou-lhe o braço. Esta espantou-se, abriu seus grandes olhos e deparou-se com uma visão nunca antes contemplada... fez-se silêncio na floresta e por um instante o mundo foi de Inaiê, era um mundo da beleza e do silêncio, era o mundo de Inaiê.

Por um instante, a índia quis livrar-se do moço, ficou com medo, quis pedir socorro a sua tribo. Mas já estava envolvida pelos grandes olhos daquele homem e por suas suaves mãos que deslizavam no ar, a dizer-lhe o que antes ninguém nunca tinha dito. O corpo do homem era como uma canção que falava a Inaiê, e ela o compreendia.

Os encontros estenderam-se por dias, sempre nas noites de lua cheia. Aos poucos, Inaiê compreendeu que também poderia se comunicar, aprendendo os sinais e conhecendo sua natureza surda. Além do amor, aquele moço misterioso trouxe-lhe também a Língua Brasileira de Sinais. Mas como nos mistérios e milagres que só a Mãe Natureza sabe explicar, o grande amor de Inaiê sumia nas águas. Deixando-lhe novamente em solidão. Ela passava os dias a caminhar na beira do rio, com olhar distante à procura do seu amado. Até que em uma noite de festa junina e fogueiras ao longe no povoado, ele reapareceu. Sua roupa era tão branca que confundia-se com a lua, formando uma única imagem. O chapéu debruçado sobre o rosto escondia-lhe as feições, revelando apenas um sorriso luminoso. E vinha na velocidade do vento ao encontro da amada.

E no mesmo mistério que veio, foi-se.

Inaiê esperou por luas e luas, e seu amado nunca reapareceu. Aos poucos, a índia caiu em tristeza e silêncio mais uma vez.

Mas toda a tristeza acabou-se quando depois de nove luas cheias, Inaiê deu a luz a um lindo curumim, que, assim como a mãe, era surdo. Assim, toda a tribo passou a conhecer e a respeitar a língua dos surdos. E o pajé afirmou ao curumim:

- És Apoeima, aquele que vê mais longe, o filho do boto surdo.

3 - CONCLUSÃO

Compreender as peculiaridades e as principais características do ser surdo, foi fundamental para execução desse artigo. Só dessa maneira será possível contribuir para a construção de uma educação adequada e de qualidade que vá ao encontro das realidades psicossocial, cultural e linguística do povo surdo.

Acreditamos que foi extremamente importante a contribuição desse trabalho por meio da elaboração da adaptação da Lenda do boto cor-de-rosa para literatura surda, pois a produção desse gênero literário será mais uma oportunidade valiosa do povo surdo nortista sentir-se representado. E a partir dessa primeira adaptação para língua portuguesa, pode-se começar a elaborar adaptação para língua de sinais e transformá-la em uma adaptação bilíngue. Criada essa literatura, promoverá o exercício da leitura e favorecerá o aprendizado da língua portuguesa e da língua de sinais de forma mais rápida, significativa e eficiente. Elaborando uma ferramenta lúdica de representatividade do povo surdo, que foi a adaptação da referida lenda, na qual significados culturais foram construídos, respeitados e reforçados para construção de uma Educação multicultural e legítima.

REFERÊNCIAS

- ALVEZ, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* Campinas: Verus Editora, 2005.
- CAMPOS, Mariana. Educação Inclusiva para Surdos e as Políticas Vigentes. In: LACERDA, Cristina; SANTOS, Lara. *Tenho um aluno Surdo, e agora?* São Carlos: EDUFScar, 2013.
- BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1. Acesso em: 18/08/2015.
- _____. *Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 18/08/2015.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Unesp, 1943.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomas Tadeu da Silva e Graciara L. Louro; 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOLCOMB, Thomas K. Compartilhamento de informações: um valor cultural dos surdos. In: KARNOPP, Lodernir Becker, Klein, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências*

- e provocações*. Canoas: ULBRA, 2011, p. 139-149.
- MIANES, Felipe Leão; MÜLLER, Janete Inês; FURTADO, Rita Simone Silveira. Literatura surda: um olhar para as narrativas de si. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN; Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: ULBRA, 2011.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN; Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise.(Org.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: ULBRA, 2011.
- RIBEIRO, Veridiane Pinto. *Ensino da Língua Portuguesa para Surdos: percepções de professores sobre adaptação curricular em escolas inclusivas*. Ed. Prismas. Curitiba. 2013.
- PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. A performatividade em educação de Surdos. In: SÁ, Nídia. *Surdos qual escola?* Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.
- SANTANA, Ana. *Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus, 2007.
- SILVA, Marília da Piedade Marinho. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. Ed. Plexus. São Paulo. 2001.
- SKLIAR, CARLOS (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Ed. Mediação. Porto Alegre. 2012.
- STAM, Robert. *Teoria e prática da adaptação: Da fidelidade à intertextualidade*. New York University. Ilha do Desterro. Ed. UFSC. p. 019-053, jul./dez. 2006. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2006n51p19/9004>> Acessado em: 16/08/2015.
- STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis; Ed. UFSC, 2008

Data de recebimento: 29/10/2019
 Data de aprovação: 03/12/2019